

## DEZEMBRO EM COPENHAGUE

**\* Roberto Rodrigues**

Cerca de 200 países se reunirão em Copenhague em dezembro próximo para a COP 15 (15ª. Conferência das Partes), para rever a questão das emissões de gases de efeito estufa em todo o planeta. Na verdade, é muito mais do que isso. O mundo estará debruçado sobre o próprio futuro da humanidade, uma vez que o aquecimento global provocado pelas emissões dos GEE pode levar à desertificação de milhões de hectares em todos os continentes, reduzindo a oferta de alimentos à população ou aumentando seus custos de produção.

Não há dúvida que ao final desta importante reunião será publicado um documento com metas a serem cumpridas por cada um dos países, presentes ou não. Espera-se que este documento tenha muito mais consistência que o resultado da última reunião do G8, que apenas tangenciou o assunto, sem compromissos maiores.

A dúvida é: os países cumprirão sua parte? Os Estados Unidos até recentemente se negaram a executar as propostas de Kyoto. Felizmente isto mudou com o novo governo americano, mas como reagirão outros países? Quem os obrigará?

Embora haja muita incerteza quanto a isso, o Brasil não pode ficar à margem deste processo. Ao contrário, na nova economia verde que se desenvolverá no pós-crise financeira global, tem um papel relevante a jogar, até mesmo liderando certos segmentos, como é o caso da agroenergia, uma vez que as emissões de CO<sub>2</sub> da cadeia cana/etanol equivalem a apenas 11% das emissões de CO<sub>2</sub> da gasolina. Nosso imenso território, nossa excelente e preservacionista tecnologia agropecuária, a Amazônia, o pantanal e outros biomas podem se constituir em trunfos que darão ao Brasil uma dominância na temática da sustentabilidade.

Para isso, precisamos de coordenação. O setor privado precisa se organizar bem. Há dezenas de boas e sérias instituições estudando o assunto, se preparando para oferecer propostas e sugestões. Dezenas! Mas falta coordenação, articulação entre os setores produtivos, os consumidores e os ambientalistas. Esta coordenação é essencial. Só assim será possível levar ao governo uma posição firme e definida do que pensa a sociedade brasileira toda.

Depois, é preciso que haja coordenação também dentro do governo: são muitos ministérios cuidando da matéria, com visões às vezes divergentes. A unidade é fundamental. E a articulação entre o público e o privado é o único caminho.

Mesmo que as ações depois de Copenhague fiquem abaixo das expectativas, o Brasil precisa assumir seu papel protagonista neste momento precioso da história universal e, depois da COP15, fazer o que precisa ser feito em benefício da humanidade. Aí entra toda a temática da sustentabilidade, com a questão do Código Florestal (ou ambiental), das reformas de leis velhas, da rastreabilidade e certificação, dos serviços ambientais, da preservação da água e do solo, e um sem número de temas que somos plenamente capazes de resolver. Se nos unirmos.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**